

CAPÍTULO II

Natureza da questão retórica e a felicidade¹

Introdução

A eficácia retórica se consolida quando o orador consegue imprimir ao dizer o seu poder de influência. Por isso, praticar a retórica é, com o auxílio forte da percepção, entender, pelo intelecto, que podemos moldar eventos, desejos, verdades e mentiras nos cérebros uns dos outros com primorosa precisão. Exercitar a retórica é, também, dar respostas para questões fundamentais do auditório. As perguntas, sabemos, possuem intencionalidade e, grosso modo, podem ser honestas ou capciosas, bem-intencionadas ou irônicas, simples ou complexas. Do mesmo modo, as respostas podem apregoar e alicerçar valores no discurso dominante de uma comunidade humana. Porque os valores são complexos e oscilantes, a estrutura retórica da resposta exige do orador empenho e arte, pois, diante de uma questão, o orador, no ato retórico, irá – sempre – movimentar razão e emoção se o propósito é estabelecer acordos pela demonstração do verossímil. Quando há tensividade retórica, o orador, num contexto em que se situa uma questão, precisa persuadir e, para realizar esse intento, necessita, como afirma Aristóteles (*Retórica*, I, cap. II, 2011), encontrar as provas de persuasão fornecidas pelo discurso, que são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador (*ethos*²); outras, no modo como se dispõe o ouvinte (*pathos*); e outras, no próprio discurso (*logos*).

.....
1 Este capítulo foi originalmente publicado: MAGALHÃES, Ana Lúcia; FERREIRA, Luiz Antonio. Natureza da questão retórica e a felicidade. In: MELO JÚNIOR, José Nildo Barbosa de; SANTOS, Maria Francisca Oliveira; ROCHA, Max Silva (orgs.). **Oralidade, retórica e texto**. Arapiraca: Eduneal, 2020, p. 17-38.

2 Optamos pela grafia e acentuação dos termos gregos utilizados dentro da Língua Portuguesa. Mantivemos o itálico e eliminamos todos os diacríticos de acentuação, uma vez que a acentuação do grego não obedece aos mesmos critérios da Língua Portuguesa; excetuamos os nomes próprios. (Nota das revisoras)

As questões e as respostas, nesse plano, situam-se num intrincado contexto retórico e se concretizam favoravelmente quando o outro, depois de ter ouvido o orador, se sente confortável e **feliz** com as respostas. A felicidade, ressaltemos, é persuasiva. No discurso retórico bem articulado, é potentemente verossímil e fortemente patética.

Consideremos, inicialmente, que todo ato retórico é um exercício verbalizado para dar resposta a uma pergunta explícita ou implícita. Consideremos, também, uma pergunta bem simples para servir de mote para nossa reflexão neste texto: “Há diferenças fundamentais entre estar feliz e ser feliz?”.

A Pergunta Retórica

Em 1983, quando os tempos eram mais felizes, havia carnaval, festas populares e proximidade humana sem susto ou medo de vírus, pragas e pestes, Caetano Veloso fez ecoar pelo Brasil os versos de Mestrinho e Didi: *Diga, espelho meu, se há na avenida alguém mais feliz que eu*. A interrogação é indireta. O orador, porém, não pretende uma resposta: quer, sim, evocar o espelho como um símbolo tradutor de verdades agradáveis ou cruéis e faz-nos apenas uma “pergunta retórica”: aquela que não solicita uma resposta do auditório, pois pretende estimular a reflexão, chamar a atenção para um estado de coisas ou modo de ser. O orador, então, já sabe a resposta e, nesse caso, apenas acentua uma proposta de reação negativa ou positiva sobre um evento do mundo. Esse tipo de pergunta sem interrogatividade efetiva surge no ato retórico meramente para reforçar uma ideia sobre algo ou alguém com objetivo de movimentar as paixões do auditório. Pretende, enfim, moldar, pelo *pathos*, um princípio valorativo do mundo. Nesse sentido, uma “pergunta retórica” não encerra em si uma questão de fato, mas um artifício expressivo que objetiva, de modo geral, expressar uma crítica social, manifestar indignação com alguma situação, estimular o interlocutor para uma reflexão, convidar para adesão a uma causa, sensibilizar para enfatizar uma ideia. Vista como efeito expressivo, como figura, é também chamada *erotema* (do grego ερωτημα), *erotese* ou *eperotese*.

Walker (1822) faz interessante afirmação sobre esta figura de retórica:

Erotesis, ou interrogatório, é uma figura pela qual expressamos a emoção de nossa mente e infundimos um ardor e energia em nosso discurso ao propor perguntas... Como essas perguntas têm a força de um clímax, elas devem ser pronunciadas com força crescente até o fim. (WALKER, 1822, p. 204).

Estudiosos das figuras de retórica, sempre preocupados com especificidades expressivas, atribuíam nomes cada vez mais definidores para um mesmo fenômeno de fala de cunho interrogativo: *epiPLEXis*, por exemplo, indica um lamento ou um insulto feito como pergunta: “Você teve um tumor cerebral no café da manhã?” (FORSYTH, 2013). Em um sentido amplo, *epiPLEXis* é uma forma de argumento em que um orador tenta envergonhar um oponente para adotar um ponto de vista particular. É claramente um recurso de veemência. Quando um orador levanta uma questão e imediatamente a responde, a figura é denominada *hypophora*. São, porém, apenas classificações para um mesmo fenômeno retórico: a pergunta que não exige uma atitude verbal responsiva do auditório.

Na teoria retórica, porém, a verdadeira **questão**, parte da antiga tríade *quaestio*, *oratio* e *orator*, possui uma estrutura significativa bem delineada e, quando articulada racionalmente na *inventio*, repercute persuasivamente na *actio* e exige respostas do auditório ligadas a decisões efetivas sobre as condições do existir e do estar no mundo. Diferentemente da pergunta retórica, o propósito de uma **questão** é a obtenção de uma resposta, de uma nova informação, de uma informação que não se tem e que se pretende ter.

Qualquer discurso se constitui a partir de um tema que quando problematizado faz surgir a questão (TRINGALI, 1988). Como o questionar traz em si um problema, impõe a resolução de uma pergunta clara ou pressuposta que pode suscitar resposta ou respostas em conflito. Quando uma questão se coloca em termos gerais (“O que é felicidade?”) chama-se tese e compreende tanto questões teóricas quanto práticas. A tese se oferece independentemente das circunstâncias, trata de um tema abstratamente e não se detém em casuísmos. A tese é uma questão temática. Quando a questão é posta em termos particulares, chama-se hipótese (“É justo, por omissão, privar os brasileiros do direito à felicidade?”). Pode assumir características bem individualizadas porque envolve circunstâncias temporais e geográficas.

A Questão Retórica

O verso cantado por Caetano tematiza a felicidade e nos permite discutir a natureza da *quaestio* em retórica, as estratégias patéticas responsivas exercidas sobre o auditório quando o ato retórico discute a felicidade como valor inalienável do ser humano.

Quaestio é a palavra latina correspondente à pergunta, interrogação. Liga-se a *quaerere*, que significa “procurar, indagar, investigar”. Em retórica, a *quaestio* realça o alvo de análise, o que se procura desvendar e é propulsora de uma discussão. Relaciona-se também com “*perquirere*” (intensificativo *per-* mais *quaerere*):

indagar, buscar com afinco. A questão, enfim, estimula o desejo de desvendar um problema. No dizer de Campbell, Huxman e Burkholder, é um “ponto fundamental na disputa, é crucial na tomada de decisão ou na seleção de um curso de ação.” (CAMPBELL; HUXMAN; BURKHOLDER, 2015, p. 90). Para Tringali, “a máquina retórica só se movimenta quando instigada por uma questão” (TRINGALI, 1988, p. 48).

Ao compor a canção que abre este texto, Mestrinho e Didi lançam uma “pergunta retórica” (*Há na avenida alguém mais feliz que eu?*), mas não pretendem elaborar uma *quaestio*. Transmutados em orador, trabalham, em primeira pessoa, no terreno das **paixões** (*pathe*), das sensações evocadas na liberdade do poético e refletem estados de espírito já consagrados no discurso dominante, para, no caso, solidificar opiniões e crenças sobre o *ethos* do brasileiro e o espírito jubiloso do folião em contato com as suas tradições mais preciosas. Os primeiros versos da canção, metafóricos, antropomórficos e hiperbólicos, constituem um cenário sustentado discursivamente no gênero laudatório: *A minha alegria atravessou o mar e ancorou na passarela/ Fez um desembarque fascinante no maior show da Terra*. O orador cumpre sua parte oratória e vale-se da retórica para despertar o *pathos* e salientar um estado de espírito ligado ao bem-estar e à alegria que, no refrão, se transforma em felicidade. Mas... estar alegre é ser feliz?

A título de exemplificação, seria possível evocar, a partir da associação entre alegria e felicidade feita pelo orador, uma efetiva *quaestio*, que exigisse uma resposta elaborada e retoricamente pensada: “A alegria demonstrada nos primeiros versos da canção relaciona-se a um estado de alma perfeitamente localizado no tempo e no espaço e, por isso, reflete apenas movimentos emocionais passageiros e fugazes que não poderiam ser chamados propriamente de felicidade?”. Essa *quaestio* levaria o auditório a refletir sobre a natureza dos sentimentos, das emoções e das paixões. Outras perguntas poderiam advir: “Alegria e felicidade são palavras sinônimas na canção de Mestrinho e Didi?”. A construção de uma resposta envolveria um movimento de racionalização sobre a semântica envolvida nos dois termos. Exigiria, também, participação do *logos* para o entendimento (ou não) da felicidade como um produto consciente e refletido no indivíduo, não ligado a um estado momentâneo, mas ao **ser** (e, por isso, mais duradouro e intelectual) e à alegria como um **estado**, sensação efêmera, fugaz, capaz de causar um bem-estar que desaparecerá tão logo termine o percurso da avenida. Se assim for, o poeta, que se considera “feliz”, viveria, de fato, apenas a efemeridade da alegria? As perguntas servem apenas de exemplo, mas é fundamental entender que uma questão retórica é sempre “o mote para a problematização de um tema”. Pode ter características particulares ou gerais, mas sempre será uma interrogação estimulante.

A canção se desenvolve, lança duas outras perguntas e vale-se de mais um termo para exaltar o estado de espírito: *Será que eu serei o dono dessa festa?/ Um rei no meio de uma gente tão modesta?/ Eu vim descendo a serra/ cheio de **euforia** para desfilar*. Novamente, a questão se liga ao gênero epidítico (laudatório), aquele que compreende todo discurso que louva, exalta, glorifica, como também o que vilipendia, censura, injúria, menospreza e permite ao orador explorar assuntos que se associam a valores ligados ao belo e ao feio, à virtude e ao vício, aos desmandos e maus hábitos e, em muitos casos, louvar o que é detestado pela moral presente no discurso dominante. Como o gênero epidítico requer do orador uma manifestação ligada ao gosto/não gosto, ao concordo/não concordo, ao acho/não acho, as respostas que seriam dadas ao orador na canção exigiriam do auditório tão somente um julgamento subjetivo sobre o **valor** do discurso e não propriamente sobre a natureza do perguntado. No plano retórico, Campbell, Huxman e Burkholder (2015) classificam as questões em três grandes divisões: questões de valor, questões de fato e questões políticas.

a) *Questões de Valor*

Nos discursos públicos em geral, é sempre possível criar uma questão polêmica, denominada “de valor”, que provoca respostas elaboradas sobre o que é bom, desejável e útil, ético e moral. Oradores que elaboram questões de valor preocupam-se com a reação patética dos ouvintes, pois a intensidade e profundidade da questão evoca graus de medida ou de adesão ou de hostilidade do auditório. Uma questão de valor pode causar discórdia profunda ainda que seja elaborada de forma bem simples: “Uma condição **absoluta** de felicidade humana está ligada **sobretudo** ao amor, ao dinheiro ou à saúde?”. A inserção dos termos “absoluta” e “sobretudo” no interior da pergunta dificulta uma resposta consensual. Sabemos que centenas de livros já foram escritos para encontrar uma resposta adequada para a questão. Como, porém, é de **valor**, sempre haverá espaço para muitos outros discursos. A plausibilidade e a verossimilhança, os recursos racionais e psicológicos determinarão a força dos argumentos e levarão ou não à persuasão ou ao convencimento pretendidos pelo orador. Questões de valor, durante a *actio*, acentuam sobremaneira o *ethos* do orador e se movem em função do acento argumentativo dado à sabedoria, benevolência e virtudes do orador.

O quadro a seguir explicita os aspectos retóricos que precisam ser realçados para ampliar ou diminuir o poder persuasivo do orador diante de um auditório que se vê premido a dar respostas para uma questão de valor:

Características do *ethos*

<i>PHRONESIS</i>	<i>ARETE</i>	<i>EUNOIA</i>
SABEDORIA	VIRTUDE	BENEVOLÊNCIA
Competência	Confiabilidade	Amabilidade
Credibilidade	Determinação	Cortesia
Discernimento	Equanimidade	Delicadeza
Prudência	Franqueza	Indulgência
Ponderação	Honestidade	Moralidade
Praticidade	Integridade	Obsequiosidade
Racionalidade	Simplicidade	Passionalidade
Razoabilidade	Sinceridade	Solidariedade
Sensatez		

Evidentemente, o *ethos* é fator importante para a tríade persuasiva (*ethos, pathos* e *logos*), mas, nas questões de valor, o grau de confiabilidade impresso pelo orador durante a *actio* é fator preponderante para a sustentação do discurso retórico.

b) Questões de Fato

Nas lides judiciais, a preocupação com a apuração da verdade normalmente traz à tona questões de fato, uma vez que demandam respostas que ofereçam evidências e, a partir delas, caminhos racionais de interpretação. Nesse caso, como afirmam Campbell, Huxman e Burkholder, quando um orador propõe uma questão de fato, “os problemas se concentram na qualidade, precisão e adequação das provas” (CAMPBELL; HUXMAN; BURKHOLDER, 2015, p. 90). Um exemplo de questão de fato em nossos dias poderia ser: “Se considerarmos a quantidade de brasileiros já afetados pelo COVID-19, é prudente manter o isolamento social, a despeito dos prejuízos causados à Economia do país?”. Uma resposta para essa questão vai impor considerações interpretativas sobre evidências estatísticas e reais. O auditório precisará evocar a qualidade,

a precisão e a adequação das provas. Nesse caso, ainda que o *ethos* do orador seja importante, ressalta-se o *logos*, com suas ferramentas de análise racional dos fatos do mundo. As questões de fato exigem que orador e auditório, diante de um fato polêmico, encontrem um objetivo comum e determinem uma política de solução que permita alcançar resultados positivos e imparciais para a solução de um problema.

c) Questões Políticas

Por fim, os autores citam as questões políticas. A ênfase está na adequabilidade da resposta e envolve o auditório de modo mais objetivo nas decisões sobre o que deve ser feito ou não. Por trás das questões políticas há uma outra, primeira e sempre presente: “Convém?”. A decisão se projeta sobre o tempo, que é o futuro, e a complexidade da questão não raro exige que se misturem respostas para questões de fato e de valor à decisão política julgada mais plausível e adequada para uma determinada comunidade. Essas questões de natureza deliberativa tipificam a retórica das assembleias.

Nessa grande tipologia das questões retóricas, é possível pensar, internamente, na forma retórica como são articuladas. Não nos aprofundaremos, aqui, nas especificidades de cada modo de perguntar, mas é possível afirmar que, quando concebidas e delimitadas na *inventio*, as questões retóricas podem ser exteriorizadas na *actio* por meio de interrogações nominadas, identificáveis e com grande alcance persuasivo. Relacionamos algumas delas: perguntas socráticas, irônicas, determinativas, eletivas, resolutivas, correlacionais, didáticas e de repetição.

O cancionero popular brasileiro, quando tematiza a felicidade, difunde conceitos, vieses e apreciações valorativas que funcionam como uma resposta a uma questão maior e digna de preocupação em todos os tempos e por toda a humanidade: “O que é a felicidade?”.

Hedonismo: Estar Feliz

O orador do famoso samba-canção da União da Ilha, cantado por Caetano Veloso, manifesta desejos bem comuns na festa de Momo: viver a felicidade de curto prazo, num percurso cumprido em pouco mais de uma hora numa passarela de samba. Nesse sentido, sentir-se feliz é viver um momento ligado ao sentido da palavra grega *hedone*, que significa “prazer, vontade”. Dela provém o termo hedonismo, uma corrente filosófico-moral que considera o prazer como o bem supremo da vida. O mais célebre representante do hedonismo foi Aristipo de Cirene para quem a felicidade seria obtida pela totalidade dos momentos agra-

dáveis experienciados pela pessoa, obtidos pela realização de eventos comuns. O hedonista precisa de um estímulo de alta intensidade para sustentar um estado eufórico estimulante, pois a felicidade hedônica, concentradora de uma emoção gratificante recebida com entusiasmo e orgulho de si, é efêmera. O cancionero popular brasileiro reflete bem o que se pode denominar felicidade hedônica e os poemas podem ser considerados respostas para questões retóricas de valor como: “O que se entende por Felicidade? O que faz com que as pessoas sejam felizes? O que confere significado às suas vidas?”. Deixamos, aqui, dois exemplos bem significativos e esclarecedores dessa visão hedonista de ser feliz:

Felicidade/ É viver na sua companhia/ Felicidade/ É estar contigo todo dia/ Felicidade/ É sentir o cheiro dessa flor/ Felicidade/ É saber que eu tenho seu amor/ Felicidade/ É viver na sua companhia/ Felicidade/ É estar contigo todo dia/ Felicidade/ É sentir o cheiro dessa flor/ Felicidade/ É saber que eu tenho seu amor/ Felicidade/ É saber de verdade/ Que a gente sente saudade/ Quando não consegue se ver/ Felicidade/ É acordar ao seu lado/ Tomar um café reforçado/ Depois sair para correr com você/ Felicidade/ É poder jogar um pano/ Colar no show do Caetano/ Cantar Odara até o dia raiar/ Felicidade/ É no fim de semana/ Curtir uma praia bacana/ E um pôr do sol de arrasar.⁵

Como é possível perceber, o orador ressalta um dos aspectos essenciais da felicidade hedônica: o olhar focado no presente ou no futuro mais imediato. A felicidade associa-se à presença do outro, mas está centrada nas preferências do próprio orador e se consubstancia pela realização de condutas banais e cotidianas. Se os motivadores se afastarem, a própria felicidade hedônica irá se dissipar. A felicidade hedônica parece ser um resumo de emoções altamente gratificantes e estimulantes, composta de momentos vividos com grande intensidade e entusiasmo. Fica nítido no poema que o orador entende como o objetivo constitutivo da felicidade a busca do prazer e a fuga de dores, característicos da filosofia hedonista. De modo amplo, como percebemos, hedonismo é a atitude humana que busca desenfreadamente o próprio prazer (OKA, s/d). Há várias canções com esse teor no cancionero brasileiro.

5 MOURA, Gabriel; FAB, Leandro; SERRINHA, Pretinho da. **Felicidade**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/seu-jorge/felicidade/>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

Representam esforços hedonistas para conceituar os instantes felizes. Respondem a questões de valor. No poema a seguir, o orador metaforiza o ser feliz, mas intensifica o relacionar-se pelo amor para atingir, momentaneamente, o que se pode conquistar:

Quando estou em sua companhia/ E nos teus olhos me deixo brilhar/ Eu vejo aquela estrela fantasia/ Mesmo sabendo que ela não está lá/ Felicidade brilha no ar/ Como uma estrela que não está lá/ Conto de fadas, história comum/ Como se fosse uma gota d'água/ Descobrimo que é o mar azul.⁶

Muitos comerciais publicitários valem-se, também, de questões retóricas ligadas aos valores para fornecerem respostas hedônicas e acentuarem uma felicidade passageira e capitalista. Como afirma Oka (s/d), o hedonismo atualmente é muitas vezes sinônimo de consumismo ou de individualismo e, em sua forma extrema, significa também buscar prazeres imediatos sem medir as consequências ou pensar no outro. Rocha (2011) assevera que “o significado primeiro da publicidade é revestir o valor, no sentido econômico, de valor, no sentido cultural” (ROCHA, 2011, p. 161). Para a autora, a publicidade atua globalmente na cultura quando situa o consumo como sentido maior da existência; é enfática ao afirmar que “a consequência mais importante da força que a publicidade tem na cultura contemporânea é o reforço do hedonismo em detrimento de outras formas de justificação da existência” (ROCHA, 2011, p. 166). Se uma questão de valor se impuser sobre o auditório diante de atitudes extremadamente hedonistas, a resposta de Oka poderia servir de argumento inicial para a constituição de argumentos responsivos:

Essa visão do hedonismo é bastante fomentada por pessoas que criticam o modo de vida capitalista atual. Além disso, há frequentemente uma crítica por parte de religiosos, geralmente cristãos, que pregam contra a satisfação dos prazeres carnavais. Contudo, é importante lembrar que definir o que é prazer e o seu papel na felicidade humana é uma discussão importante na filosofia hedonista, independentemente de sua vertente. Desse modo, nem sempre o hedonismo precisa vir carregado com um peso moral negativo. (OKA, s/d).⁷

6 RABELLO, Cláudio; BIGAZI, Giancarlo; RIEFOLO, Raffaele; TOZZI, Umberto. **Felicidade**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/fabio-jr/45840/>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

7 Disponível em: <<https://www.todoestudo.com.br/filosofia/hedonismo>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

Não se pretende aqui um estudo exaustivo das canções brasileiras sobre felicidade, mas os exemplos citados nos dirigem para a criação de composições populares retoricamente construídas para destacar concepções hedonistas de felicidade e poderiam ser respostas argumentativas para as questões de valor.

Eudaimonia: Ser Feliz

Um verso de *Wave*, uma das mais famosas canções do mundo, composta por Tom Jobim, faz ecoar no auditório uma premissa significativa que, por ser apodítica, aproxima-se das afirmações definitivas: “É impossível **ser feliz** sozinho.”. O poeta não fala mais de um estado de espírito eivado de alegria, como mostramos nas canções hedônicas, mas, sim, de um modo existencial de encarar o fenômeno da felicidade humana. Em grego, felicidade se diz *eudaimonia*, palavra formada a partir dos vocábulos *eu* (prefixo que significa bom, o bem ou aquilo que é bom) e *daemon* (deus, semideus ou gênio, intermediário entre os homens e as divindades superiores); o termo também se refere a uma concepção ética da Antiguidade que visava ao alcance da felicidade como finalidade moral. Porfírio (s/d), em tradução livre, entende o termo como “ética da felicidade” ou o “voltar-se para a felicidade”. Em latim, *felicitas* (felicidade) provém de *felix* (feliz), a partir do grego *phyo* (produz), fecundo, produtivo.

De acordo com Olivieri (2012), a referência filosófica mais antiga de que se dispõe sobre o tema “felicidade” é um fragmento de Tales de Mileto (7-6 a.C.), para quem só é feliz aquele que tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada. Mileto traduz um anseio natural do povo grego mais antigo: a necessidade de ter “boa sorte”, pois disso dependia a felicidade. Sorte, nessa perspectiva, era sinônimo de destino, personificado na figura das Moiras, as três mulheres responsáveis por tecer, na roda da fortuna, o fio da vida de todos os homens. Como apenas a linguagem precisa é verificável por expressar ideias também precisas, claras e prováveis, o conceito de Mileto sedimenta-se na crença do auditório, ainda que reflita, no processo de articulação do discurso, o propósito do orador e suas suposições sobre o estado atávico do próprio auditório: ter ou não ter um bom destino.

Tempos depois, Sócrates (469-399 a.C.), que tem suas falas propagadas por Platão nos vários Diálogos, fortifica a ideia – especialmente em *A República* (PLATÃO, 2020) – de que a virtude deve ser o fim maior das ações práticas para que se chegue a um estado de felicidade. A felicidade, nesse caso, não se relaciona apenas à satisfação dos desejos e necessidades do corpo, mas, sim, ao bem da alma que só pode ser atingido por meio de conduta tão justa quanto virtuosa. Estudos contemporâneos, como os de Dinucci (2009), resumem a

posição *eudaimonica* socrática em três princípios: a) busca a própria felicidade em todas as ações racionais; b) procura a felicidade em si própria; c) indaga qualquer ação racional em prol da felicidade. Para Sócrates, então, a felicidade é produto da virtude e da racionalidade. Esse conceito de felicidade, naturalmente, não está ligado ao de prazer ou de dor, mas ao de bem e de mal. Lembremos ainda que, para Sócrates, a prática da filosofia habilita o homem à felicidade, ou seja, a ação humana requer uma relação entre o autoconhecimento, o conhecimento (*episteme*) e a virtude (*arete*) para atingir a felicidade (*eudaimonia*).

Aristóteles (384-322 a.C.) também centra a *eudaimonia* na excelência da ação humana, a mediania, aquela que é virtuosa por ser a justa medida. A ação virtuosa se esquivava dos vícios e promove a ação prudente, capaz de levar à felicidade. Nos cinco primeiros capítulos do livro I de *Ética a Nicômaco*, o estagirita relaciona moral e caráter como condição necessária para a conquista da felicidade, vista como o maior bem desejado pelos homens e o fim último das condutas humanas. O filósofo reflete também sobre a natureza do Bem – aquilo a que todas as coisas tendem (ARISTÓTELES, 1973, p. 249) – e tem por objeto a Política, cujo estudo é regrado pela Ética, porque todas as ações belas e justas admitem uma imensa variedade de opiniões úteis a um homem que age de acordo com um princípio racional. Sob esse ângulo, agir passionalmente e não ter experiência dos fatos da vida são elementos impeditivos para a plena conquista da felicidade. Nessa visão teleológica, é preciso determinar qual o fim da natureza humana, ter clareza de como se constitui o bem, o prazer, a virtude, a felicidade e separar, por exemplo, o bem em si mesmo daquilo que é útil. Para todas as coisas há um fim e, segundo o filósofo, esse fim deve ser o Sumo Bem, aquele que merece ser buscado em si mesmo. O Sumo Bem é absoluto e incondicional, é o desejável em si mesmo e não se relaciona com outra coisa: “falamos dos bens em dois sentidos: uns devem ser bens em si mesmos, e os outros, em relação aos primeiros” (ARISTÓTELES, 1973, p. 253).

O Bem, então, exige um caminho regrado pelo pensamento consciente. Tendo em vista que Aristóteles associa a virtude à felicidade e essa deve ser adquirida pelo homem, é de se pensar que o exercício do meio-termo seja uma forma de conquista da felicidade, o que não seria exatamente tarefa fácil e exigiria esforço filosófico, pois o filósofo é o homem acostumado à busca da contemplação da verdade e somente onde há contemplação se chega à felicidade. E complementa: “nesse sentido o filósofo é o mais feliz dos homens” (ARISTÓTELES, 1973, p. 367). A felicidade verdadeira, então, seria procurada em si mesma, nunca com vistas a outra coisa, ao passo que o prazer, por exemplo, estaria relacionado ao conflito, pois se ligaria ao que cada indivíduo entende como motivo de prazer, alguma espécie de bem acessório e, por isso,

por ser derivada de qualquer espécie de prazer desejado, se esgota tão logo tenha sido alcançado. Assim, a felicidade em si mesma, aquela não resultante de qualquer desejo passa a ser virtuosa e relacionada à sabedoria filosófica, ou seja, não se esgota e ajusta-se à atividade virtuosa.

Para o filósofo, a felicidade não pode ser adquirida pela aprendizagem, pelo hábito ou por adestramento, não é conferida por providência divina ou pelo acaso, uma vez que é produto da virtuosidade, o que há de melhor e deveria ser partilhada pelo maior número de pessoas. Por isso, a felicidade “é o objetivo da vida política”, a ciência que dedica o melhor de seus esforços para fazer com que os cidadãos sejam bons e capazes de nobres ações” (ARISTÓTELES, 1973, p. 259).

No plano ético, enfatiza que o homem verdadeiramente político “goza a reputação de haver estudado a virtude acima de todas as coisas, pois deseja fazer com que os seus concidadãos sejam bons e obedientes às leis” (ARISTÓTELES, 1973, p. 263). No plano da essência e da constituição retórica, o político deve saber o que diz respeito à alma, exatamente porque precisa tratar das virtudes, divididas em duas espécies: a intelectual e a moral – e nenhuma delas nasce com o homem, mas é adquirida pela prática. Se o homem possui, por natureza, a potência, a capacidade de adaptar-se, a virtude, oposta ao que é inato, é adquirida pelo exercício, pelo uso, pelo fazer. Potencialmente, afirma, temos a capacidade da virtude, da justiça e de todos os bens (ou seus contrários), mas somente pelos atos, ações e pelo exercício, nos tornamos verdadeiramente virtuosos. As ações, por sua vez, ligam-se ao agradável e ao desagradável. Se a virtude nem sempre pode ser exercitada por ser difícil, a ciência política, por sua vez, “gira em torno de prazeres e dores”. O homem que lhes der bom uso será bom e o que lhes der mau uso será mau” (ARISTÓTELES, 1973, p. 270). Mas o filósofo não deixa de lembrar que a virtude “está associada à alma e possui três espécies de coisas” (ARISTÓTELES, 2011, p. 271): paixões, faculdades e disposições de caráter. As duas primeiras se relacionam à terceira, pois ninguém é louvado ou censurado pelas paixões em geral (cólera, medo, inveja, alegria, ódio, emulação, compaixão), mas por algumas delas e nem pelas faculdades.

O que se ressalta, então, na perspectiva de Aristóteles, é a visão da prática política como conduta virtuosa, derivada de duas formas da própria virtude: a intelectual – que inclui sabedoria filosófica, entendimento e conhecimento prático – e a moral – que se aproxima do julgamento e da temperança. Ainda que a felicidade seja geralmente buscada em si mesma, o homem feliz é aquele que age com retidão e se vale da sabedoria prática (ou sabedoria filosófica) para atingir seus objetivos. O ato retórico de natureza política realça, sobretudo, características muito singulares da constituição do *ethos* do orador no ato retórico.

Eudaimonia, Hedonismo, Política e Felicidade

Eu sei, serei feliz de novo/ Meu povo, deixa eu chorar com você/ Serei
feliz de novo/ Meu povo, deixa eu chorar com você/ Serei feliz de novo/
Meu povo, deixa eu chorar (Djavan)⁸

A interessante figura de presença contida nos versos de Djavan evidencia a preocupação de encontrar um estado de felicidade que não esteja apenas no outro, mas com os outros. O povo é a representação de um componente fundamental para o encontro com a felicidade. O poeta, nesse sentido, assume-se como ser social e político. Nesse poema, o orador discute desejos ligados ao querer. No dia a dia, porém, os governantes encontram perguntas retóricas que reclamam o saber e o exercício ético do poder.

Um homem público, que atua em meio às situações polêmicas e conflituosas do existir em sociedade, vale-se de inúmeras competências e habilidades humanas para agir sobre o mundo por meios persuasivos. Ao exercer um ato retórico (a retórica é material, dinâmica, ativa) e exteriorizar uma proposição, oferece ao outro um compromisso de decisão e, por assim proceder, coloca em jogo seu próprio ser social. Quando se mostra publicamente, vincula seu dizer a uma estratégia discursiva ligada à conveniência, geralmente com uma intenção humana que busca atingir a confiança e provocar o fazer-saber para fazer-querer e, por fim, fazer-fazer. Nesse plano, se a *eudaimonia* é conquistada pela virtude, a felicidade do outro é fator determinante para composição da própria virtuosidade humana na perseguição do Bem. A grande questão retórica é: “É possível tornar um povo feliz?”.

Considerada pelos positivistas o marco do nascimento dos direitos humanos, a Declaração de Direitos do Estado da Virgínia, de 16 de junho de 1776, declara:

Que todos os homens são, por natureza, igualmente livres e independentes, e têm certos direitos inatos, dos quais, quando entram em estado de sociedade, não podem por qualquer acordo privar ou despojar seus pósteros e que são: o gozo da vida e da liberdade com os meios de adquirir e de possuir a propriedade e de **buscar e obter felicidade** e segurança.⁹

8 VIANA, Djavan Caetano. **Serrado**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/djavan/45548/>>. Acesso em: 29 de abril de 2020.

9 Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-bom-povo-de-virginia-1776.html>>. Acesso em: 29 de abril de 2020.

No Brasil, um exemplo bem esclarecedor sobre a inserção da felicidade no discurso político encontra-se numa proposta de emenda constitucional, apresentada por Cristovam Buarque, para inserção, no Art. 6º da Constituição Federal, o direito dos brasileiros à felicidade. À época da tramitação da emenda, 07/07/2010, dizia o Artigo 6º da Constituição Federal que

São direitos sociais: a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.¹⁰

Cristovam Buarque comenta que, com a emenda, passaria a dizer que:

São direitos sociais, essenciais **à busca da felicidade**, a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.¹¹

O próprio autor, para justificar o pedido de alteração constitucional, escreve:

A vida moderna apresenta diversos impedimentos que dificultam a vida, atravancando o caminho das pessoas na busca da própria **felicidade** pessoal: a falta de atendimento de serviços de saúde, de matrícula na escola, de habitação, de emprego, de luz, de segurança, a persistência nas filas, a corrupção, a violência, a inflação, a falta de liberdade, os engarrafamentos no trânsito, são alguns exemplos de entulhos colocados por governos no caminho a ser seguido na busca da felicidade pessoal. [...] **Nenhum governante assegura a felicidade a uma pessoa**, porque os componentes para a felicidade são pessoais e subjetivos, e são inúmeras as variáveis que tocam na vida e na emoção de cada cidadão; mas os **governos podem ser facilitadores para a busca de felicidade**. Por isso, o papel do dirigente político é eliminar entulhos à busca da felicidade, construir um quadro social que auxilie cada morador na busca (não necessariamente na conquista) da felicidade pessoal e até no aumento da felicidade comum.¹²

.....
10 Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_6_asp>. Acesso em: 29 de abril de 2020.

11 BUARQUE, Cristovam. **Felicidade e Política**. Senado Federal, Brasília, maio 2012, p. 26. Disponível em: <https://www.senado.gov.br_cristovambuarque_arquivos>. Acesso em: 29 de abril de 2020, grifos do autor.

12 BUARQUE, Cristovam. **Felicidade e Política**. Senado Federal, Brasília, maio 2012, p. 26. Disponível em: <https://www.senado.gov.br_cristovambuarque_arquivos>. Acesso em: 29 de abril de 2020, grifos do autor.

O senador pretendia, pela constituição, garantir o direito à conquista da felicidade. Nem todos os auditórios, porém, admitem a felicidade por meios determinantes e políticos. É o universo da *doxa*:

PEC da felicidade. É para rir? Falar em “direito à felicidade” sem educação e com fome, com um sistema de saúde desumano e degradante à dignidade é mais ou menos como prometer ao cego a visão do paraíso antes da morte. 3 de junho de 2013, 11:04 h. Atualizado em 9 de julho de 2018, 17:49 h.¹³

PEC da Felicidade – Mas, que proposta sem-vergonha! – O Senador Cristovam Buarque, do PDT de Brasília, apresentou uma proposta de emenda constitucional, cujo intuito é inserir no Art. 6º da Constituição Federal, o direito dos brasileiros à felicidade – a indefinível e, intangível felicidade. E creio que está veiculando o interesse de algum lobby, porque me lembro de ter visto na TV Record um comercial a respeito, tempos atrás. [...] Direito à felicidade? O que é a felicidade? Um ser humano pode garantir a felicidade a outrem? E o Estado, pode? Se o Estado der de graça a um indivíduo tudo o que ele deve tratar de conquistar por obrigação e mediante trabalho, então terá dado a tal da felicidade ao tal indivíduo? Felicidade tem preço? E pode ser comprada e doada com o dinheiro suado pelo contribuinte? O que é, afinal de contas, a tal da felicidade? [...] amanhã, para completar, caro leitor... (Se Gyn, 18/11/2010¹⁴).

Como se percebe, o ato retórico inicial provocou muitas perguntas e uma grande questão retórica. Assim é: toda ação humana está alicerçada em crenças e valores que influenciam decisões sociais e políticas. Mesmo um ato retórico elaborado com objetivos precisos e técnicas argumentativas adequadas pode não persuadir um auditório quando as questões de valor se impõem às questões de fato. Boas respostas também podem tensionar um auditório para alterar percepções e conseguir adesão. As questões políticas sempre suscitam outras e outras. Sempre, porém, diante de questões efetivamente postas, a retórica propicia os meios disponíveis para a regrada utilização da razão e dos sentimentos e, por meio da elaboração discursiva intencionalmente persuasiva, levar o auditório a fazer determinadas escolhas. Seja na perspectiva do orador ou do analista retórico, a tríade *ethos*, *pathos* e *logos* possui uma relação íntima e intrínseca que se resolve no fazer-saber para fazer-fazer. Um ato retórico, mesmo quando enfrenta

13 Disponível em: <<https://www.brasil247.com/brasil/pec-da-felicidade-e-para-rir>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

14 Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-politica/2608146>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

questões delicadas como essas ligadas ao direito à felicidade, busca meios para cumprir suas funções básicas de eficácia: persuadir de forma a induzir à crença e à ação: ensinar (*docere*), agradar (*delectare*) e comover (*movere*). Enfim, a retórica concebe a argumentação como o ato de destinar a palavra a um auditório, a ele submeter teses não necessariamente verdadeiras, hipóteses verossímeis e razoáveis. Segundo Amossy (2005), essa característica da retórica se justifica porque interessa a ela o que faz parte do humano, e o que resulta do homem é quase sempre da ordem do verossímil, do opinável, do plausível (TORRES, 2018).

Nesse território, em que a verdade absoluta não pode ser garantida, a retórica encontra seu lugar e permite ao homem desenvolver raciocínios e comunicar-se com segurança relativa, garantida por normas mínimas de racionalidade. Por isso, é exercitada em todos os domínios onde se delibera com liberdade.

Considerações Finais

Perguntas retóricas, questões retóricas e planos de felicidade explicam o caráter sociocultural da retórica e sua dimensão instrumental de exercício da cidadania que, segundo Amossy (2005), permitia tanto a boa marcha da justiça, pelo manuseio da controvérsia, como o bom funcionamento da democracia, pela prática da palavra pública. Como afirma Meyer (1991) é próprio do pensamento contemporâneo o reconhecimento da dimensão problemática da existência e dos valores. Para perguntas plausíveis e efetivas, o domínio da retórica permite argumentação construída a partir do verossímil. Como procuramos demonstrar, o critério de verossimilhança é subjetivo e demanda a avaliação da qualidade das premissas aceitas pelo auditório. Ser feliz, estar feliz ou contemplar a felicidade, sob qualquer ângulo, está sob o jugo da argumentação, da opinião e do projeto de vida de um auditório.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth L. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 206 p.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 7. ed. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- CAMPBELL, Karlyn Khors; HUXMAN, Susan Shultz; BURKHOLDER, Thomas R. **Atos de retórica** - para pensar, falar e escrever criticamente. Tradução da 5ª edição

norte-americana por Marilena Santana dos Santos Garcia. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

DINUCCI, Aldo Lopes. A relação entre virtude e felicidade em Sócrates. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo-RS, v. 10, n. 3, p. 254-264, set/dez 2009.

FORSYTH, Mark. **The elements of eloquence**: secrets of the perfect phrase turn. New York: Penguin Books, 2013.

MEYER, Michel. **A problematologia**: filosofia, ciência e linguagem. Tradução Sandra Fitas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

OKA, Mateus. Hedonismo. **Todo Estudo**. Disponível em: <<https://www.todoestudo.com.br/filosofia/hedonismo>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

OLIVIERI, Antonio Carlos. **Filosofia e felicidade**: o que é ser feliz segundo os grandes filósofos do passado e do presente. UOL. Pesquisa Escolar: filosofia (extraída da página 3 de Pedagogia e Comunicação, de 28/11/2012). Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-e-felicidade-o-que-e-ser-feliz-segundo-os-grandes-filosofos-do-passado-e-do-presente.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

PLATÃO. **A república [ou Da justiça]** [livro eletrônico]. 3. ed. Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2020. Disponível em: <<https://books.google.com.br/?hl=pt-BR>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

PORFÍRIO, Francisco. **Eudaimonia**. BOL. Mundo Educação: filosofia. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/eudaimonia.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. Consumo traz felicidade? A publicidade no centro da cultura. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, ano 8, v. 8, n. 23, p. 161-179, nov. 2011.

TORRES, Tiago Emanuel Cardoso. **Argumentação e retórica**: a pertinência do seu estudo para a disciplina de filosofia. Dissertação (Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, setembro de 2018.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica** – a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

WALKER, John. **A rhetorical grammar**: in which improprieties in reading and speaking are detected, and the true sources of elegant pronunciation are pointed out: with a complete analysis of the voice, showing its specific modifications, and how they may be applied to di. Boston: Cummings and Hilliard, 1822.